

A VERDADE NEM SEMPRE PREVALECE

Roberto Rodrigues*

Não custa repetir que um dos maiores desafios da humanidade nesse século XXI é compatibilizar preservação dos recursos naturais com a oferta de alimentos a uma população crescente e demandante, e que o caminho para isso é a tecnologia.

E vale reafirmar que a agropecuária brasileira tem se destacado nessa senda, com uma interminável lista de programas vencedores, desde a agroenergia, com a qual o etanol de cana de açúcar reduz em quase 90% as emissões do CO₂ da gasolina, passando pelo Plano ABC e pela numerologia de produção de grãos desde 1990 (Plano Collor) até hoje: a área plantada cresceu 69% (saiu de 38 milhões de hectares para 64 milhões) enquanto a produção aumentou 248% (de 58 milhões de toneladas para 248 milhões). Mais importante: se tivéssemos hoje a mesma produtividade por hectare que tínhamos em 1990, seria necessário plantar mais 98 milhões de hectares para produzir a safra desse ano, evidenciando a sustentabilidade da atividade.

Só não sabe disso quem é completamente alheio ao assunto ou quem não “gosta” dele, dentro e fora do Brasil.

Mas existem várias razões para “não gostar”, das quais pelo menos duas são muito relevantes.

A primeira delas é a legítima preocupação com o meio-ambiente. Uma grande maioria da juventude em todo o mundo está vigorosamente engajada na preservação das florestas, e isso acaba rebatendo na visão sobre a nossa produção rural e até nos hábitos alimentares. E aí há uma diferença entre os fatos e as versões. Por exemplo, é frequente alguém dizer que não quer comer carne porque o boi é criado em pasto onde a floresta foi destruída. Muitas vezes este argumento é eliminado pela simples constatação da pessoa que fez a afirmação usar sapatos de couro, ou bolsas e cintos idem. Mas em geral o que existe é desconhecimento da realidade: um pasto bem formado sequestra mais carbono do que uma floresta madura. Por outro lado, o que deve ser combatido para valer é o desmatamento ilegal, que em geral não é feito por produtores profissionais, e sim por madeireiros, grileiros ou garimpeiros clandestinos. Mas pastagens oriundas de desmatamento legal são conduzidas tecnicamente e ajudam a combater o aquecimento global.

A outra razão é muito mais pragmática: interesse comercial. Como infelizmente ainda temos gente que desmata ilegalmente ou atea fogo em florestas ou cerrados, está dado o argumento para que o concorrente crie a maior onda contra a produção agrícola do país inteiro. E não adianta dizer que a carne foi produzida nos estados do Sudeste ou do Sul ou do Centro-Oeste desbravado há décadas: o produto está condenado. A verdade não interessa e é descartada sumariamente.

Não é uma questão trivial. Não basta comunicar a verdade, a versão falsa prevalece porque tem dinheiro envolvido, muito dinheiro.

No mês passado, houve em Berlim a Semana Verde, durante a qual nossa Ministra Tereza Cristina apresentou as suas “Diretrizes para o Desenvolvimento

Sustentável da Agropecuária Brasileira”, um robusto programa calçado em inovações tecnológicas e em políticas públicas voltados para ainda maior sustentabilidade e maior redução de emissões. Seguramente são poucos os países com programas tão articulados, assim como nenhum tem um Código Florestal tão rigoroso com a preservação florestal como o nosso. Mas não adianta, ninguém quer ouvir. Por uma ou pelas duas razões apontadas acima, e outras mais, a “cabeça está feita” contra o Brasil.

Há uma grande batalha a enfrentar nesse tabuleiro desigual, em que a verdade não é reconhecida.

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, Embaixador Especial da FAO para as Cooperativas e Titular da Cátedra de Agronegócios da USP.**